

O CIRCO DA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA ACROBÁTICA NA UME. DOS ANDRADAS II

Janaina Melques Fernandes – Uninove- janainamelques@hotmail.com

RESUMO

O presente relato busca trazer reflexões acerca da arte circense como elemento da cultura corporal presente no cotidiano escolar. Para tanto, descreve as concepções e as práticas que possibilitam desenvolvimento do projeto *Circo da Escola* da UME Dos Andradas II. Este projeto, que utiliza como fundamentação teórica a perspectiva cultural de Educação Física, compreende oficinas de circo para os alunos dos quartos e quintos anos tendo como objetivos: a valorização das artes e manifestações populares como o circo; o respeito à diversidade, limitações e potencialidades dos colegas; a capacidade de trabalhar em grupo. Acrescenta-se ainda, como produto final, a apresentação de um espetáculo no fim do ano letivo de 2014. O relato encerra-se com considerações que destacam os aspectos positivos e negativos da experiência com o projeto.

Palavras-chave: educação física, circo, cultura corporal.

Introdução

A Educação Física como área de conhecimento e componente do currículo escolar, leva para o seu cotidiano diversas possibilidades tanto no que tange os conteúdos quanto nas metodologias de ensino. Nesse contexto, encontram-se abordagens de ensino que privilegiam desde o estudo para domínio técnico-tático de modalidades esportivas, até as perspectivas que trabalham a partir do conhecimento da realidade do aluno, na busca de uma assimilação crítica e histórica das manifestações culturais.

Conhecer as perspectivas que caracterizam a Educação Física escolar bem como desvelar o caráter ideológico de cada uma delas é um trabalho árduo, mas de extrema importância para a formação do professor. O relato que aqui se inicia, toma como paradigma a perspectiva cultural de Educação Física (NEIRA; NUNES 2008), entendendo que as contradições, avanços e recuos vividos na prática cotidiana docente, fazem parte do processo dialético de construção de conhecimento.

A abordagem desenvolvida por Neira e Nunes (2008) busca superar os modelos hegemônicos de Educação Física escolar. Para eles, é fundamental compreender quais os sentidos e significados que estão presentes na seleção e escolha dos conteúdos para a disciplina Educação Física.

“Na Educação Física atual, convivem propostas de variadas matizes. Algumas perseguem a melhoria dos aspectos motores, sociais, cognitivos e afetivos; outras, buscam o alcance de padrões tipificados de comportamentos e, ainda, há aquelas que promovem o desenvolvimento das competências desejadas para a instauração de uma vida tipicamente ativa. Nestes casos, agregam os significados e sentidos pertencente aos grupos dominantes e veiculam representações hegemônicas de mundo, reduzindo o espaço para a manifestação de outras concepções. Consequentemente, as aulas do componente se configuram como campos fechados, impermeáveis ao diálogo com o patrimônio cultural característico da sociedade que coabita a diversidade. Tais propostas coadunam com um projeto pedagógico idealizado pela sociedade neoliberal, na qual, o mercado, a competitividade e a meritocracia são palavras de ordem.” (NEIRA; LIMA; NUNES, p.7, 2012)

Suas críticas e pesquisas sobre os modelos curriculares que predominam na Educação Física escolar, pública e particular, fomentaram a criação de um grupo de estudos, em 2004 na Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. Nomeado de *Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo*, sob a mediação de Marcos Neira e Mário Nunes, o coletivo formado principalmente por professores da rede pública, analisam referenciais teóricos, principalmente relacionados aos Estudos Culturais e Multiculturalismo Crítico para em seguida, elaborarem práticas pedagógicas, que são vivenciadas, analisadas e discutidas coletivamente. Dessa maneira, o grupo busca legitimar as manifestações culturais- e corporais- que não estão presentes na escola, mas que representam e dialogam com a realidade de muitos estudantes e comunidades escolares. Dez anos de encontros e pesquisa possibilitaram muitas produções acadêmicas, consolidando e disseminando uma nova vertente de pensamento – e prática – para a Educação Física escolar.

“Uma proposta de Educação Física engajada na luta pela transformação social prestigia, desde seu planejamento, procedimentos democráticos para a decisão dos temas de estudo e atividades de ensino; valoriza experiências de reflexão crítica das práticas corporais do universo vivencial dos alunos para, em seguida, aprofundá-las e ampliá-las mediante o diálogo com

outras representações e manifestações corporais” (NEIRA; LIMA; NUNES, p.8, 2012).

A formação circense da professora que apresenta esse relato, bem como sua experiência de participação no grupo de pesquisa explicitado anteriormente, tem possibilitado a organização e reflexões de práticas pedagógicas que têm auxiliado no exercício de experiências alternativas tanto na perspectiva do ensinar quanto do aprender discente e docente. O trabalho do professor se dá, nessa perspectiva, numa via de mão dupla. Seu papel não está apenas na tarefa de ensinar. A interação e o diálogo com os estudantes permitem que o processo de ensinar se dê junto com o de aprender. Dessa forma o conhecimento não está sob o poder de um sujeito ou de uma classe (docente, por exemplo), o conhecimento, independente de sua origem, sua temática ou grupo social que o produz, pertence a todos os grupos sociais.

É inegável a influência de Paulo Freire (1967) para a perspectiva cultural de Educação Física. Françoso e Neira (2014) destacam as contribuições do pensador, principalmente em relação à postura crítica e ativa diante das injustiças do sistema capitalista. É fundamental, para uma educação libertadora, que a teoria esteja sempre vinculada com a prática, por meio do constante exercício de ação-reflexão-ação. Dessa forma torna-se possível superar o pensamento ingênuo e transformá-lo em crítico (FREIRE, 1967). Entretanto, essa conquista não se dá de maneira simples, é necessário ultrapassar a experiência escolar baseada numa “educação bancária” (FREIRE, ANO) para promover uma educação que se utiliza da problematização como procedimento para o exercício de reflexão crítica e conseqüentemente, propiciar a conscientização.

Problematizar permite “olhar o mundo e nossa existência enquanto sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante construção” (FRANÇOSO; NEIRA, 2014, p.534). Problematizar as manifestações da cultura corporal nas aulas de Educação Física significa questionar, analisar, vivenciar e ressignificar saberes que muitas vezes foram silenciados, ou pelo contrário, foram constituindo-se como privilegiados no processo de seleção curricular. Dessa maneira, o processo de desconstrução de saberes legitimados em detrimento de outros, produzidos por relações de poder, ou seja, onde os interesses da cultura dominante sempre estão

garantidos, são meios para instigar um olhar atento a todas as formas de manifestações e relações humanas.

Como a perspectiva cultural de Educação Física defende a não hierarquização das culturas e dos conhecimentos, pretende-se, com essa relação viva e dinâmica entre quem ensina e quem aprende, a superação e desconstrução dos discursos homogeneizadores e etnocêntricos na escola (NEIRA; NUNES, 2008). É o respeito e a valorização do conhecimento do outro, das diferenças, que se constroem atividades comprometidas com o exercício da democracia.

“Quando os saberes dos grupos oprimidos são valorizados pelo currículo e as manifestações da cultura corporal que lhes são próprias recebem os mesmos tratamentos dos esportes, danças, lutas, ginásticas ou brincadeiras tradicionalmente privilegiadas a escola valida diversas identidades culturais que coabitam a sociedade” (FRANÇOSO; NEIRA, 2014, p.540)

É por meio desse processo de democratização das manifestações culturais, bem como de fortalecimento de identidades, que é possível superar a visão ingênua do esporte, por exemplo, propagado como instrumento de promoção da saúde. Essa concepção exclui da experiência educativa, debates e reflexões referentes às injustiças, relações de opressão e busca incessante pelo lucro que permeiam as diversas áreas do esporte. (NEIRA; NUNES, 2008).

Descortinar as relações de poder e opressão, não significa superá-las, mas instrumentaliza os sujeitos envolvidos na atividade educativa para combater as tantas injustiças sociais, naturalizadas dentro do modo de produção capitalista. Descortinar as relações de poder é conceber o ser humano enquanto histórico, inacabado, mas também fazedor de cultura, de mudanças, transformações.

Fundamentando-se nessas reflexões, o relato busca trazer questões e discussões acerca da manifestação artística circense como elemento da cultura corporal presente no cotidiano escolar. Para tanto, a descrição e análise das experiências vividas no projeto *Circo da Escola* no ano de 2014 da UME. Dos Andradadas II são os procedimentos utilizados.

Metodologia

O projeto *Circo da Escola*, da UME. dos Andradas II nasceu a partir de diversos diálogos entre equipe técnica e a professora. A proposta, que também faz parte do PPP da escola contemplou os alunos dos quartos e quintos anos do ensino fundamental e teve como objetivos: a valorização das artes e manifestações populares como o circo; o respeito à diversidade, limitações e potencialidades dos colegas; o exercício do diálogo e do debate de maneira democrática; o auxílio na organização das aulas e ensaios bem como na execução de tarefas e exercícios dos colegas.

O ano de 2014 foi o primeiro em que o trabalho da professora com a temática circense se deu na forma de oficinas, fora das aulas de Educação Física convencionais. Dessa maneira, constituiu-se como um projeto experimental, que deve ser repensado e reformulado de acordo com os resultados obtidos no final do ano letivo.

Em relação à seleção de público para a oficina e à carga horária das aulas, o projeto circense foi organizado da seguinte maneira: a oficina de circo foi oferecida para as duas turmas de quarto ano da escola, com inscrições eletivas, assim como as oficinas de música e violão do programa Escola total da UME. Totalizou-se assim, duas aulas semanais, uma para cada quarto ano. Para o único quinto ano da escola a oficina se deu no modelo obrigatório, no qual todos os estudantes, de alguma maneira, deveriam vivenciar a práticas com a manifestação circense. Relatamos nesse trabalho, a experiência com essa turma aqui relatada. Uma vez por semana, durante uma aula de 45 minutos, a turma se dividiu em dois grupos de aproximadamente 15 alunos cada um. Cada grupo com seu horário para a oficina de circo.

Buscando romper com o princípio de aprendizagem aditiva (da parte para o todo), o trabalho iniciou-se a partir do conhecimento dos alunos sobre a temática, a fim de reconhecerem – ao longo do tempo – a dimensão da prática social (NEIRA; NUNES, 2008). Para tanto, a oficina se iniciou com uma roda de conversa, na qual os alunos foram questionados sobre suas experiências com circo e acrobacia. Após cada um contar alguma lembrança ou executar um movimento acrobático de conhecimento, começamos a organizar a forma de socializar esses conhecimentos. Assim todos experimentaram as cambalhotas, estrelas, pontes a bananeiras. As aulas seguintes possibilitaram a vivência sistematizada de diversos tipos de cambalhotas.

A discussão sobre a técnica que a manifestação artística exige, foi algo que aconteceu logo no início das aulas. Os risos e comentários – alguns preconceituosos-

sobre os movimentos que estavam certos ou errados possibilitaram o gancho para conversas praticamente em todas as aulas sobre as diferenças, a importância do trabalho coletivo, as dificuldades e facilidades de cada um. O papel da professora, além de mediar as conversas, foi de ensinar técnicas simples para os movimentos acrobáticos combinados para as aulas. A estrutura da aula foi se instituindo com o tempo, e após um mês de atividades aproximadamente, a maioria já sabia corrigir o colega ou auxiliar quando necessário. Assim foram os primeiros quatro meses de trabalho.

Em julho, iniciou-se a montagem de números para apresentar. Aqui, a pretensão foi de ressignificar os saberes dos alunos relativos à cultura corporal, promovendo um espaço onde seria possível diversas interações e experimentações de diversas formas de conhecimento dos estudantes(NEIRA; NUNES, 2008).

Nas primeiras aulas o caos parece ter tomado conta. Apesar da divisão de pequenos grupos para a organização de sequências acrobáticas ou esquetes cômicas, todos queriam mostrar suas ideias ao ponto de não ouvir ou dar espaço ao outro se manifestar. O exercício do diálogo tornava-se necessário, comprovando assim, a partir do trabalho cotidiano, a ausência de experiências democráticas e dialógicas tão criticadas pelos autores que utilizados como referencial. Então, após algumas rodas de conversa, foi decidido partir do ponto que cada grupo, no seu coletivo, sabia fazer melhor. As duas turmas do quinto ano começaram a montagem da sequência com cambalhotas. A decisão dos alunos, até então uma reprodução do começo das aulas, permitiu a intervenção docente, que partiu dos questionamentos: Como podemos fazer para ficar diferente? Ou mais bonito? Dali a improvisação tomou conta, os estudantes, em seus pequenos grupos colocaram elementos da dança, da capoeira e outros que já pertenciam à sua experiência corporal. Vários movimentos circenses não apresentados antes, foram expostos para os estudantes. Pela limitação temporal, algumas experimentações só aconteceram com alunos que estiveram dispostos e quiseram executar outros movimentos acrobáticos. Entretanto, nenhum aluno foi impedido de vivenciar qualquer forma proposta de acrobacia.

A partir de ideias vindas de ambos os lados: docente e discentes, cada turma começou a montar seu número: alguns com características mais humorísticas e dançantes, outros grupos mais técnicos e ‘sérios’, outros mais teatrais com a apresentação de uma esquete tradicional de palhaço.

Essa pequena explanação sobre a experiência com a oficina de circo, vem mostrar como o fato improvisado, e não de uma aula improvisada pode estabelecer um maior contato com os saberes dos alunos (NEIRA e NUNES, 2008). Como produto final deste projeto, no fim do ano letivo, foi apresentado um espetáculo a partir das criações e sistematizações ocorridas nas oficinas. Alguns números foram organizados rapidamente, outros percorreram diferentes caminhos, com muitas criações e desistências, exigindo maior intervenção da professora. Entretanto, a diversidade de estilos de números a serem apresentados se deu pela maior possibilidade de espaço para os alunos discutirem e vivenciarem seus saberes.

Considerações finais

“Um currículo de Educação Física inspirado pelas ideias freireanas não pode seguir privilegiando os produtos culturais euroamericanos. Não pode continuar oferecendo aos estudantes uma visão parcial da realidade, geralmente aquela divulgada pelos grupos hegemônicos e consagrada pela ciência positivista. Os objetivos pretendidos por esse currículo não podem reduzir-se ao ensino de técnicas e padrões de movimentos descontextualizados dos problemas que atingem a sociedade. (FRANÇOSO; NEIRA, 2014, pp.542,543)

O trecho acima reafirma o compromisso de uma Educação Física escolar que, desenvolvendo-se a partir das manifestações culturais, insere-se num projeto de educação emancipadora. A experiência com as oficinas de circo na UME. Dos Andradas II persegue esse compromisso. As dificuldades e limitações encontradas no fazer cotidiano são elementos fundamentais para o exercício da práxis e é dessa maneira que é possível repensar e refazer outras formas de desenvolver o trabalho com o circo fundamentando-se na perspectiva cultural de Educação Física. Segue então, as primeiras conclusões da experiência.

O projeto *Circo da Escola* tem proporcionado uma ampliação no repertório motor e cultural das crianças, bem como a valorização de manifestações que tradicionalmente estão ausentes no currículo escolar. O reconhecimento da arte circense, que resiste no Brasil desde o século XIX (SILVA, 2007), foi um dos aspectos mais perceptíveis nos alunos. Foram muitos os comentários pelos corredores sobre vídeos que assistiram pela internet, ideias para as próximas aulas e relatos de demonstrações do que aprenderam fora da escola.

Outro aspecto relevante percebido com a rotina das aulas, foi a mudança da relação do aluno com o seu corpo e o corpo do outro. O que poderia ser apenas uma brincadeira virou compromisso e se fosse necessário os meninos subiram suas calças para que possam apoiar um colega numa figura acrobática, isso era feito com muita naturalidade, da mesma forma como os comentários preconceituosos diminuíram consideravelmente. É bem possível que isso se tenha acontecido devido à autonomia conquistada pelos alunos. Na oficina, eles escolheram – com o auxílio da professora – os papéis que iriam executar nos números artísticos, respeitando-se assim, as potencialidades e limitações de cada um.

O trabalho com a temática circense, demandando diálogos, maior espaço para criação e a fala dos estudantes foi um passo considerável em direção a uma Educação Física que se fundamenta na perspectiva cultural. Entende-se da mesma forma a incorporação dos conhecimentos do grupo, do seu repertório motor nas coreografias organizadas por eles. Esse processo de ressignificação e de maior autonomia na rotina das aulas viabiliza relações mais democráticas e o exercício dialógico, categorias fundamentais para uma educação libertadora.

Entretanto foram encontrados vários entraves para o melhor desenvolvimento do trabalho. O tempo destinado para aula não foi suficiente para maiores aprofundamentos tanto no que concernem reflexões de âmbito teórico - como a história do circo, estrutura artística do palhaço - quanto práticas - como o aperfeiçoamento técnico dos movimentos acrobáticos. Um dos aspectos importantes de uma Educação Física pautada na perspectiva cultural é a ancoragem social, ou seja, a articulação da temática circense com questões problematizadoras, como a relação de gênero, preconceito, condições de classe, local de moradia, níveis de habilidade, etc. (NEIRA; NUNES, 2008).

É importante, para que esse trabalho constitua-se efetivamente como uma práxis pedagógica “cultural”, primeiramente, que o projeto tenha disponível maior carga horária, permitindo assim que a oficina contemple: o aprofundamento e a ampliação de questionamentos e vivências, na busca de compreensão de sentidos e significados, tanto por parte dos estudantes quanto da professora; o constante exercício de inclusão de procedimentos democráticos na rotina das aulas, para a construção de uma educação emancipadora. Acrescenta-se ainda, a necessidade de tempo para estudo e a pesquisa, elemento fundamental para a preparação das aulas, para seleção de temáticas para

debate, bem como vídeos e imagens que estabeleçam relações com a realidade e as problemáticas vividas durante as aulas.

Referências

FREIRE, Paulo: **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

NEIRA, Marcos Garcia; LIMA, Maria Emília; NUNER, Mario Luiz Ferrari (Orgs): **Educação Física e Culturas**: ensaios sobre a prática. São Paulo: Feusp, 2012.

NEIRA, Marcos Garcia, FRANÇOSO, Saulo: **Contribuições do legado freireano para o currículo de Educação Física**. Rev. Bras. Ciênc. Esportes, Florianópolis, v.36, n.2, p.531-546, abril/junho 2014.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari: **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

SILVA, Ermínia: Circo teatro: **Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. São Paulo: Altana, 2007.